

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Ninth Life of Louis Drax*

Autora: *Liz Jensen*

Text Copyright © 2004 by Liz Jensen

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2009

Tradução: *Ana Saldanha*

Capa: William Webb

Composição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição, Lisboa, Outubro, 2009

Depósito legal n.º 299 268/09

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (excepto Brasil) à Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59 — Queluz de Baixo | 2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

<http://www.presenca.pt>

Liz
Jensen

A Nona
vida de
Louis Drax

Tradução de
Ana Saldanha



 EDITORIAL PRESENÇA

*Para o Carsten
com amor para além das palavras*

«Quando vemos o cérebro, apercebemo-nos de que, a um nível, não passamos de carne; e, a um outro, não passamos de ficção.»

Paul Broks, *Into the Silent Land*

AVISO

Eu não sou como a maior parte dos rapazes. Sou o Louis Drax. Acontecem-me coisas que não deviam acontecer, como ir a um piquenique e afogar-me.

Experimentem perguntar à minha Mamã como é ser mãe de um rapaz que está sempre a ter acidentes e ela diz-lhes. Não é fácil. Nem se pode dormir, com a preocupação de saber aonde é que vai tudo parar. Vê-se perigo em todo o lado e pensa-se *Tenho de o proteger, tenho de o proteger*. Mas às vezes não se pode.

A Mamã odiava-me antes de me adorar, por causa do primeiro acidente. O primeiro acidente foi eu nascer. Aconteceu da mesma maneira que ao imperador Júlio César. Espetam uma faca na barriga da senhora até rebentar e depois arrancam o bebé, aos berros e todo coberto de sangue. Julgaram que eu não saía da maneira do costume, estão a ver. (Também é horrrosa.) E além disso pensaram que ela também ia morrer, como a mamã do Júlio César, e tinham de pôr os nossos cadáveres em caixões, um grande para ela e um tamanho-bebé para mim. Ou talvez nos metessem no mesmo, um caixão para dois cadáveres e blá blá blá. Aposto que se fabricam caixões desses. Aposto que se podem encomendar pela Internet caixões para mamãs e meninos com uma ligação especial. Nascer foi horrroso; mesmo que se viva até aos cem anos, nenhum dos dois ultrapassa uma coisa dessas, mas isto foi só o princípio. Eu não sabia, nem ela.

O segundo acidente foi quando eu ainda era bebé. Tinha mais ou menos oito semanas e estava a dormir no berço e de repente comecei a ter morte do berço. *Tenho de o proteger, tenho de o proteger*, era só o que

lhe ia na cabeça. *Não entres em pânico. Chama uma ambulância.* E eles disseram-lhe como é que havia de me des-sufocar até chegarem, e deram-me oxigénio, que me deixou o peito todo pisado. Ela é capaz de ainda ter as fotografias. E mostra-as, se quiserem, mais as radiografias das minhas costelinhas fofinhas de bebé, todas partidas e esmagadas. Depois, quando eu tinha quatro anos, deu-me uma coisa que gritei tanto, tanto que praticamente deixei de respirar durante nove minutos e meio. É uma história verdadeira. Nem o Grande Houdini conseguia fazer uma coisa dessas e ele era um verdadeiro artista da evasão. Era americano. Depois, quando eu tinha seis anos, caí nos carris do metro em Lyon. Fui 85 por cento electrocutado. Isso quase nunca acontece a ninguém, mas aconteceu-me a mim. Sobrevivi, mas foi praticamente um milagre. Depois tive uma intoxicação alimentar, de comer comida intoxicada até fartar. Salmonela, tétano, botulismo e meningite são só algumas das doenças que eu tive, e ainda há outras que eu não sei dizer mas vêm no terceiro volume da *encyclopédie médicale*, vem lá tudo sobre elas, são horrorosas.

— Ter um filho como eu foi um pesadelo para ela — digo ao Gustave. O Gustave é especialista em pesadelos porque toda a vida dele é um pesadelo. — Todos os dias, ela só pensava nos diferentes tipos de perigo e em como me proteger.

— Estás melhor aqui — diz o Gustave. — Eu sentia-me muito sozinho antes de vires para cá, Jovem Senhor. Fica o tempo que quiseres. Fazes-me companhia.

Eu estou a habituar-me a ele, mas ainda me assusta. Tem a cabeça toda enfaixada em ligaduras com sangue. Se vocês o vissem também iam pensar que é horripilante; até eram capazes de morrer de susto. Mas talvez lhe contassem coisas mesmo assim, como eu. É mais fácil quando não se consegue ver a cara da pessoa.

A questão era que não se podia confiar em mim. Se me perdiam de vista por um minuto, eu metia-me em trabalhos. Toda a gente dizia que ter um QI alto piorava a situação.

— Dizem que os gatos têm sete vidas — disse a Mamã —, porque a alma deles agarra-se-lhes ao corpo e não o larga. Se fosses gato, Louis, já tinhas usado oito vidas. Uma por cada ano. Uma a mais. Não podemos continuar assim.

E o Papá e o Perez Gordo concordaram.

— Quem é o Perez Gordo? — diz o Gustave.

O Perez Gordo era um leitor de mentes gordo que não prestava para nada a ler mentes. A Mamã e o Papá costumavam pagar-lhe para ele me ouvir falar e chegar ao fundo do mistério. *O estranho mistério de Louis Drax, o espantoso rapaz com predisposição para acidentes*. Era o que o Papá lhe chamava, sempre que fazia do caso uma história. Mas não era uma história cómica. Era mortalmente séria e levava a Mamã a um *absoluto desespero*.

Eh, Gustave. Ouve o que toda a gente dizia. Toda a gente dizia que, um dia, eu ia ter um grande acidente, um acidente para acabar de vez com todos os acidentes. Um dia, as pessoas eram bem capazes de olhar para cima e ver um menino a cair do céu.

Esse menino seria eu.

Os meninos não deviam fazer as suas mães chorar, por isso é que eu ia ver o Perez Gordo em Gratte-Ciel às quartas-feiras. Ele vivia num apartamento perto da Place Frères Lumière. Vocês talvez não saibam quem foram os *frères Lumière*. Os *frères Lumière* eram dois irmãos que inventaram o cinema, e há um museu sobre eles, uma fonte na praça e um mercado onde a Mamã ia comprar salada, tomate e queijo. Eu detestava tanto tomates que até lhes era alérgico. E ela ia ao *charcutier* comprar *saucisson sec*, a que eu e o Papá secretamente chamávamos pila de burro. Enquanto ela andava às compras, o Perez Gordo e eu falávamos sobre sangue e coisas.

— Podes falar sobre tudo o que te passe pela cabeça, Louis. Eu estou aqui para te ouvir.

Muitas vezes era sobre morcegos vampiros, porque eu sei imenso sobre *La Planète bleue* e também sobre *Les Animaux: leur vie extraordinaire* e sobre pessoas que já morreram, como o Jacques Cousteau e o Adolf Hitler e a Jeanne d'Arc e os irmãos Wright e sobre várias doenças e venenos. O recorde mundial de sucção de sangue por um morcego vampiro é de cinco litros, suga-o do pescoço de uma vaca ou do flanco, depois de a paralisar com cuspo que se chama *saliva*. Eu podia dizer tudo o que quisesse ao Perez Gordo, porque era só entre nós os dois e não saía daquela sala.

Quanto mais horroroso fosse, tanto mais excitado ele ficava. A cadeira de pele dele até chiava.

Eu pensava sempre que, se ele alguma vez parasse de ficar todo excitado com as minhas histórias sobre sangue, podia deixar um gravador na sala com a voz dele a dizer Conta-me Mais de vez em quando. Assim, ele podia ir ver os desenhos animados do Cartoon Network e gastar o dinheiro em doçarias.

— Quantos euros custa cada vez?

— Essa é uma pergunta que tens de fazer à Mamã — diz ele. — Ou ao Papá.

— Eu estou-lhe a perguntar a si. Quanto por cada vez?

— Por que é que isso é importante para ti?

— Porque talvez eu possa fazer o que o senhor faz. Ganhar umas massas.

Ele sorri o seu horripilante sorriso gordo.

— Achas que gostarias de ajudar as pessoas?

Aquilo faz-me rir.

— *Ajudar* pessoas? Eu gostava era de ficar sentado numa cadeira a dizer «conta-me mais» e ganhar triliões de euros de cada vez, isso era do que eu gostava, parece uma vida fácil.

— Sentes que gostarias de ter uma vida fácil quando fores crescido?

— Pergunta estúpida.

— Por que razão é estúpida, Louis?

— Porque eu não vou crescer, não é?

— O que te faz pensar isso?

Será que ele julga que eu sou completamente atrasado? Será que ele julga que eu sou do planeta Plutão ou dum sítio qualquer onde os seres humanos não têm cérebro?

— Segunda pergunta estúpida.

— Lamento que penses que é uma pergunta estúpida, Louis. Mesmo assim, interessa-me a tua resposta — diz ele, com aquela cara gorda dele.

— Portanto. O que te leva a pensar que não vais ser crescido, Louis?

Não digas nada, não digas nada, não digas nada.

O Perez Gordo era o meu maior inimigo, mas nunca me assustava como o Gustave. O Gustave também os assustava, se o conhecessem.

Porque debaixo das ligaduras ele não tem cara e às vezes tosse com tanta força que até vomita e às vezes eu penso que estou a inventá-lo só para ter alguém com quem falar. Mas, se estou, não sei como é que hei-de parar, porque se alguém está a viver na nossa cabeça, como é que a gente se livra dele?

Não se livra, é o que é. Não pode, porque é onde ele vive.

Há leis e vai-se para a prisão quando se as desrespeita, mas também há regras secretas, tão secretas que nunca ninguém fala sobre elas. Aqui está uma regra secreta para quem tem um animal de estimação. Quando uma pessoa tem um animal pequenino, por exemplo um hamster chamado Mohammed, e ele vive mais do que a duração de vida normal de um pequeno roedor, que é dois anos, então pode-se matá-lo caso se queira, porque se é o dono dele. Esta regra secreta para quem tem um animal de estimação tem um nome, chama-se Direito de Destruição. É permitido recorrer à sufocação ou a veneno, caso se tenha algum, como por exemplo herbicida. Ou pode deixar-se cair uma coisa pesada em cima dele, como o terceiro volume da *encyclopédie médicale* ou *Harry Potter e a Ordem da Fénix*. O que não se pode é sujar ou desarrumar.

Estas visitas ao Perez Gordo foram ideia do Papá, mas eram uma dor de cabeça para a Mamã, porque era ela que tinha de me levar. O Papá estava ocupado a trabalhar nas nuvens, a dizer pessoal de cabine, quinze minutos para a aterragem, porta manual e a estudar mapas de pressões e a ir a um curso de relacionamento humano porque...

Por acaso não sei porquê. Não sei o que é um curso de relacionamento humano.

O apartamento do Perez Gordo era na rue Malesherbes em Gratte-Ciel. Primeiro tocava-se à campainha e ele abria a porta e havia um fedor de *bouilabaisse* a caminho do elevador, ou às vezes de feijão-verde, e tinha de se subir quatro andares num elevador velho e a ranger, e tinha de se ir fazer xixi mal se entrava no apartamento. O Perez Gordo dizia que era devido à sensação de ser apanhado numa armadilha.

— Sofres de uma leve claustrofobia — diz ele. — Não é fora do normal, acontece a muitas crianças e a alguns adultos também, esta necessidade de aliviar a bexiga em espaços confinados. Tenta aguentar.

Mas todas as quartas-feiras eu tinha de ir a correr fazer xixi mal entrávamos no apartamento horripilante do Perez Gordo. A bexiga é como um balão. É um *saco muscular*, mas abre-se quando se tenta aguentar muito tempo, vão por mim. Antes de puxar o autoclismo, eu às vezes saía do quarto de banho e ia encostar a orelha à porta da sala de estar dele para ouvir o que eles diziam sobre mim. Às vezes discutiam, como se fossem casados. Mas eu nunca conseguia ouvir bem as palavras, mesmo usando o copo onde ele põe a escova de dentes, que tem sempre um lodo verde horrroso no fundo.

Quando se paga a uma pessoa, ela não devia discutir connosco.

Quando eu voltava, ela dizia: — Até logo, Louis querido, vou às compras.

E depois deixava-me para eu e o Perez Gordo termos a nossa conversinha, que custava uma data de euros da caixa automática, que vinham de o Papá estar na cabine. Às vezes a assistente de bordo traz-lhe café quando ele está a pilotar o avião. Ou às vezes chá, mas nunca cerveja ou conhaque.

— E então como é que a vida te tem tratado, Louis? — manda-me o Perez Gordo.

— O Papá podia ser despedido da Air France, se bebesse cerveja ou conhaque.

O Perez Gordo é velho, tem para aí quarenta anos, e uma cara grande e gorda como um bebé. Com um alfinete podia-se rebentar, e esguichava uma pasta amarela.

— Sim, suponho que é verdade. Ou qualquer outra bebida alcoólica. Há regras muito estritas para os pilotos — diz o Perez Gordo. — E agora, a minha questão, Louis.

A Questão Número Um é sempre a questão sobre *como a vida me anda a tratar*. Mas às vezes ele não a pergunta, só espera que eu comece a falar, mas isso nunca resulta, por causa da regra secreta, chamada Não Digas Nada, por isso ficámos para ali sentados até ele já não aguentar mais. Eu tenho muito mais paciência do que o Perez Gordo, porque cinco minutos é o máximo que ele aguenta até a cadeira dele se pôr a chiar, e ele não conhece a regra secreta porque eu é que a inventei. Quando ele me pergunta a Questão Número Um, se eu não estou a seguir a regra Não Digas Nada, digo-lhe por exemplo: — Está tudo bem, obrigado, Monsieur

Perez. A sua dieta, vai bem? — Ou invento uma história sobre a escola, sobre lutas e coisas assim. Às vezes há uma coisa que aconteceu realmente a alguém, mas eu digo-lhe que foi a mim. Ele é mesmo anjinho, porque acredita sempre em mim, ou, se não acredita, faz de conta. Fazer de conta torna-o ainda mais anjinho. Torna-o um anjão. Ouçam esta.

— Hoje fui atacado ultra-violentamente — mando-lhe eu.

Chia. — Conta-me mais.

— Foi em Madeiras. Eu estava a fazer uma escada de caracol em madeira de balsa, um modelo à escala. E depois vieram os mauzões, eram oito ao todo, a dizerem Puto Tolo, Puto Tolo, Puto Tolo. Vinham todos com martelos, mas um deles, o mauzão maior, também tinha uma serra tico-tico. Agarrou-me pelo pescoço e enfiou-me a cabeça à força no garrote. E depois pegaram todos nos martelos e começaram a martelar-me pregos no crânio.

— Ui! — diz o Perez Gordo. *Chia.*

Que nojento. Que anjinho. Nós nem sequer temos Madeiras, isso é dos tempos antigos, quando o Papá andava na escola. Temos TI, é muito mais útil porque se pode aprender a ser pirata informático.

— Doeu que se fartou. E ele estava mesmo para me serrar a cabeça quando o professor apareceu. O Monsieur Zidane. Ele também é campeão de futebol. Mas o pior foi que ele castigou-me a mim. É verdade.

— Porque é que ele te castigou a ti e não aos mauzões? — pergunta o Perez Gordo. — Só por curiosidade.

— Porque os mauzões vencem sempre, e porque o meu sangue sujou tudo. Os campeões de futebol não gostam de limpar a porcaria que os outros fazem, quando têm triliões de troféus e a Taça do Campeonato Mundial. Quando tirei a cabeça do garrote, deixei um trilho de sangue pelo corredor fora até ao quarto de banho. Sangue verde. Isso chateou-o que eu sei lá.

— Porquê verde?

— Porque eu tenho leucemia e a quimioterapia põe o sangue verde. Não sabia? Pensei que tinha estudado.

— Sangue verde. Leucemia. Fascinante. Conta-me mais — diz ele. *Chia.*

Devia chamar-se Monsieur Conta-me Mais em vez de Perez Gordo. Ou Monsieur Estúpido Nojento Anjinho Olho-do-Cu.

Seja como for, eu posso dizer o que quiser, porque todos os sentimentos são permissíveis. As crianças devem ter a liberdade de exprimir os seus sentimentos mesmo quando são negativos. O mundo é um lugar seguro, blá blá blá.

Ah, ah, estava a brincar.

Agora presta atenção, Perez Gordo. É a minha vez de fazer perguntas.

Questão Número Um: A minha mamã vem-te visitar sozinha, quando eu estou nas aulas?

Questão Número Dois: Quando ela te está a contar coisas sobre ela e o meu papá, a tua cadeira chia?

Questão Número Três: E depois fazem sexo um ao outro?

E se ele estivesse ali quando eu perguntasse isso, a cadeira dele fazia: *Chia, chia, chia*. E se o Gustave lá estivesse, dizia: — *Calma aí, Jovem Senhor. Não desperdices energia. Não tires os olhos da bola.*

— Vamos fazer uma coisa maravilhosa este fim-de-semana — diz ela. — Para festejar o nosso aniversário.

Temos quase o mesmo dia de anos, estão a ver, como tivemos quase o mesmo dia de morte quando eu nasci. Os meus anos são a 7 de Abril, só dois dias depois dos anos dela, por isso somos como gémeos, ela e eu, precisamos um do outro, morríamos se não nos tivéssemos um ao outro. Por isso festejamos os anos juntos, no dia entre os dois. Eu tenho nove anos e ela quarenta, que se chama O Grande Quatro Zero. O Papá vem de Paris, onde mais ou menos vive agora com a mãe malvada dele, que se chama Lucille, e eu recebo uma data de prendas e uma delas é um hamster novo. Chama-se Mohammed, tal e qual como o último, e vai viver na mesma gaiola e fazer cocó no mesmo frasco de compota que o último Mohammed. Eu dou-lhes sempre o nome Mohammed porque é um bom nome para um hamster, o Papá diz que é uma dinastia.

O Mohammed Terceiro veio com um livro chamado *Como cuidar do seu pequeno roedor*.

— Esperemos que este dure mais tempo — disse o Papá. — Podes levá-lo contigo para Paris, quando vieres visitar-nos, a mim e à Mamie.

Mas a Mamã deitou-lhe um olhar esquisito, porque Paris é um sítio mau.

O Mohammed é um hamster de cor pálida, tem o pêlo mais claro do que o último e os olhos não são pretos, são vermelho-escuro, como se estivessem cheios de sangue. Talvez por estar com medo. Os Mohammed estão sempre com medo até passarem uma semana na gaiola e começarem a aprender as regras secretas dos animais de estimação. O Papá chama à gaiola deles Alcatraz, que é um filme sobre uma prisão de onde os prisioneiros escaparam e blá blá blá.

A prenda de aniversário que eu dei à Mamã foi um perfume chamado Aura, que fedia que se fartava, era pior do que xixi de gato e uma ratazana morta. O Papá comprou-o no aeroporto para eu lhe dar. Ele tem desconto. Por isso foi uma prenda minha, mas eu não a escolhi, não a paguei e não tive desconto, foi só o gesto que contou.

— Que bonito gesto — disse a Mamã, quando pôs o perfume por trás das orelhas, e abraçou-me, abraçou-me e beijou-me e beijou-me, e eu quase não conseguia respirar, estava sufocado com o cheiro.

É o gesto que conta.

Daqui a um ano, vou fazer O Grande Um Zero.

Eu não lhe disse que o gesto nem sequer foi meu. Tinha-me esquecido que eram os anos dela, com a excitação dos meus anos e de ir ter o Mohammed Terceiro. O Papá lembrou-me ao telefone e disse-me para fazer um postal, mas eu estava a fazer um modelo de um lança-foguetes e cápsula espacial com peças de Lego e esqueci-me do postal, por isso acabei por só assinar o do Papá quando ele chegou no novo carro, um *Volkswagen Passat*. Assinei com um lápis de cera preto, que é para morcegos vampiros e coisas de morte e a suástica.

A minha mamã é frágil como vidro porque a vida dela foi muito dura, diz o Papá. É por isso que ela fica com dores de cabeça e chora e às vezes me grita e depois pede desculpa e chora mais e abraça-me e abraça-me e beija-me e beija-me. Mas o Papá não é frágil. É um dos homens mais fortes do mundo. Se o conhecessem, ele podia pregar-lhes um murro na cara e dar-lhes uma dor de cabeça horrível, que se chama concussão. É bom a bater, podia ter sido pugilista, mas nunca ia usar truques sujos, como o homem que matou o Grande Houdini com um murro no estô-

mago antes de ele ter os músculos prontos. O Papá trabalha os músculos no ginásio; Peitoral e Abdominal são dois dos músculos que ele tem, mas também tem outros, mais do que a maioria dos papás. Podia ser uma Máquina Mortífera, se treinasse. Só que não tem tempo para treinar, é só isso. Está muito ocupado a pilotar aviões. É um trabalho de secretária, diz ele. A cabine não passa de uma secretária. É uma vida frustrante, não tão excitante como julgas, *mon petit loup*.

E além disso tem de se ter cuidado quando se bebe cerveja e conhaque, tem de se beber em segredo, porque ninguém pode saber, especialmente quando se anda a beber mais desde a Disneyland Resort Paris e se ficou todo esquisito e zangado com a mulher e o filho, que são *vítimas inocentes da tua frustração e não deviam ser acusados de coisas de que não têm culpa, porque não são culpa de ninguém a não ser de ti, e tens de o encarar*.

— Vamos os três passar o fim-de-semana fora — diz a Mamã. — Fora de Lyon, para o campo. Vamos fazer um belo piquenique de Primavera no Auvergne, tu, eu e o Papá, vamos ser outra vez uma família.

Toda sorridente com *bâton* cor-de-rosa.

O Papá costumava ser piloto de rotas internacionais, mas agora só faz rotas domésticas. É melhor fazer rotas domésticas, porque assim não se prejudica a vida familiar, que é a coisa mais preciosa do mundo. O postal de anos que eu tive dizia: Para o Nosso Querido Filho. E o que eu e ele demos à Mamã dizia: Para uma Mãe Maravilhosa. Quando ela o leu, pôs a boca de lado, com os lábios a tremer, e olhou para o Papá com uma cara esquisita e disse: — Suponho que foi a Lucille que o escolheu? E pô-lo ao lado do postal da mamã dela, que também me mandou um, mas eu não a conheço porque Guadalupe é muito longe, é onde se cultivam mangas e frutos exóticos e blá blá blá.

— Há uma flor silvestre lá em cima, encontra-se nas montanhas, perto de Ponteyrol — diz ela. — Chama-se Glória da Primavera e floresce em Abril. Podemos colher algumas.

— Para quê?

— Para pôr numa jarra. E para dar às pessoas — diz ela. — Aos amigos. — E sorri outra vez.

Os amigos da Mamã estão sempre a mudar. Estão sempre a mudar porque um dia têm uma Desavença de Maior e a Desavença de Maior

é sempre sobre mim e ela tem de os despedir porque está do meu lado, a defender-me de pessoas rancorosas que fazem perguntas mesquinhas e dizem que eu sou um Puto Tolo. É para o que servem as mamãs, mas é muito Isolador. O meu papá tem colegas. São outros pilotos da Air France e assistentes de bordo lindíssimas de outras companhias aéreas, que são companhias aéreas rivais. E talvez pessoas do ginásio. Mas aposto que acham todos que as flores não prestam para nada. Aposto que nunca ouviram falar da Glória da Primavera. Eu nunca tinha ouvido falar da Glória da Primavera. Vocês já alguma vez ouviram falar da Glória da Primavera?

Ai sim? E então de que cor é?

Estão a ver? Nunca ninguém ouviu falar. Ela inventou a flor, só para nos fazer sair de casa. Ela às vezes faz coisas destas, porque fica com a sensação de estar presa. As mães precisam de ar, de espaço e de liberdade. São como pássaros, se os prendermos numa gaiola, enlouquecem. Não são só os papás que precisam de voar. E além disso eles têm andado a discutir ao telefone.

— Tudo culpa tua!

— Culpa minha? Disseste que a culpa é *minha*?

E ela está a tentar pôr tudo bem outra vez. É o que as mulheres fazem. *Fazem Trabalho Emocional*. Quando não fazem Trabalho Emocional, ele pode ir embora para sempre beber cerveja e conhaque em bares e conspirar para dar cabo da nossa família com a mãe malvada dele, que se chama Lucille e me mandou um postal de aniversário com cinquenta euros e uma fotografia dela e do Papá quando ele era pequeno, com o cão deles, que se chamava Youqui e foi atropelado por um tractor. Ficou com as pernas paralisadas e por isso tiveram de lhe dar uma Morte Misericordiosa. É um bocado como Direito de Destruição, mas as regras não têm tanta graça.

— Ora bem, vamos lá ver — disse a Mamã. — Já fiz a mala. Passamos a noite de sábado num hotel perto de Vichy, e depois voltamos para Lyon no domingo à noite. O papá tem o fim-de-semana todo de folga, por isso vai ser o máximo. Ora bem, cesto do piquenique, garrafa-termo...

As coisas do piquenique pareciam todas novinhas em folha, talvez faça parte do Trabalho Emocional. Eu nunca tinha visto estas coisas, pratos e copos e facas e garfos de plástico, porque nunca tínhamos ido fazer um

piquenique. Eu já fui a piqueniques, mas não com eles. Com a escola. Em passeios da escola. Quando se deita lixo para o chão, tem de se voltar atrás e apanhá-lo. Os professores obrigam-nos a cantar cantigas estúpidas e no regresso há sempre alguém que vomita no autocarro. Eu vejo o que está no cesto quando ela o põe na mala do carro. Levanto a tampa da mala térmica e lá está a comida, embrulhada em película aderente, que é perigoso para as crianças porque quando se tapa a cara com ela fica-se com um ar mesmo fixe, como um criminoso ultra-violento, mas depois uma pessoa pode sufocar e morrer. Há *pâté* e *saucisson sec*, secretamente chamado pila de burro, e Camembert e uvas e um bolo de aniversário da Pâtisserie Charles. O papá também vem ver.

— Não te poupaste a despesas, Natalie — diz ele.

E isso é também o que eu penso, mas não digo nada.

— Só se faz quarenta anos uma vez — diz a Mamã.

Pila de burro, diz-me o Papá em segredo, mas não fala em voz alta, só mexe os lábios.

— Posso trazer o Mohammed? — digo eu.

— Não, *chéri* — diz a Mamã. — Desculpa lá. Está fora de questão.

Mas o Papá diz: — Por que não? Desde que fique em Alcatraz. — Por isso o Mohammed também vai no carro, na mala com a comida, embora não tenha mal deixá-lo dez dias, porque ele é um animal de estimação de fácil manutenção. E olhem só para nós, somos outra vez uma família, com uma mamã e um papá e um hamster. E a Mamã bate com a porta da mala e nós metemo-nos no *Volkswagen Passat* que tem um leitor com caixa de seis CD e tecto de abrir; o Papá põe os óculos de sol que lhe dão um ar fixe, como um *gangster*, aperta o cinto e liga o motor, zuuum, vira-se, sorri-nos e diz «vamos lá fazer-nos à estrada», como se não houvesse problema nenhum, como se eles pudessem voltar a gostar um do outro, como se não fosse haver um homem com ligaduras que não tem cara, e como se não fosse acontecer nada de horrível.